

# A Coluna do Kina

## REFLEXÕES SOBRE ESTÉTICA DENTÁRIA: PARTE III – PERCEPÇÃO

*Reflections on dental esthetics: Part III — Perception*

Imagine uma sala de espera. Um grande sofá marrom no meio da sala. Você está sentado no meio do sofá. À frente, há uma parede branca. No centro da parede, há um quadro. Moldura preta, pôster de uma paisagem qualquer. Você olha, mas não vê a paisagem. Algo lhe chama mais a atenção. Ele – o quadro – está levemente torto, levemente inclinado para a esquerda, em relação aos planos do piso e do teto. Você fica cinco minutos vendo o quadro: ele parece estar mais torto. Você inclina a cabeça para a esquerda para tentar aprumá-lo. Dez minutos: a situação começa a ficar irritante, visualmente irritante. É preciso levantar e corrigir a posição do quadro. É preciso equilíbrio visual!

Mas o que é equilíbrio visual? Fisicamente, equilíbrio é o estado no qual forças agindo sobre um corpo se compensam mutuamente, mantendo-o em inércia, sem oscilações ou desvios. Da mesma forma que se aplica ao corpo físico, a descrição para equilíbrio visual é a equivalência entre forças opostas que se equilibram e se anulam. A diferença é que, no plano visual, as forças em verdade não existem, são forças abstratas, geradas em nossa mente, as quais podem ser descritas como forças visuais perceptivas. Mas não pense que isso é apenas retórica. Psicologicamente, essas forças existem na experiência de qualquer pessoa que as observa, desde que elas tenham um ponto de aplicação, uma direção e uma intensidade que proporcionem sensação de equilíbrio ou desequilíbrio. Ao ver o quadro, percebe-se (de imediato) sua posição de desequilíbrio em relação aos planos da parede. Como eu sei, ou como você sabe?

Nenhum de nós precisa medir a posição do quadro nem precisa de um nível para perceber o fato. Simplesmente intuimos. A força perceptiva é real, embora não esteja na parede branca e muito menos no quadro. Ela está na mente do observador, que insiste em colocar as coisas em equilíbrio. Ao nivelar o quadro na parede, o equilíbrio visual é estabelecido por meio da neutralização das forças perceptivas. Nesse estado, uma espécie de tranquilidade visual é percebida, e se aceita como verdadeiro o paralelismo entre planos como uma situação estável e equilibrada (vide Reflexões parte II). Melhor compreensão dessas forças perceptivas pode ser retirada dos estudos de Rudolf Arnheim.<sup>1</sup> Nesse estudo, faz-se entender que o conjunto é mais importante do que as partes. Em nosso exemplo, não percebe-

mos as partes separadas, porque, se assim fosse – mentalmente separássemos as partes –, não nos incomodaria a posição do quadro na parede.

Da mesma forma, não se veem dentes, gengiva, lábios e outros elementos que compõem o rosto, de forma isolada. O equilíbrio visual não se dá na relação dente a dente, mas no conjunto do rosto como um todo: o conjunto é mais importante do que as partes. Ainda, a experiência visual é dinâmica. Não se percebe apenas o arranjo entre os elementos que compõem um conjunto. Antes de tudo, observa-se interação entre os elementos, gerando tensões visuais que não constituem algo que o observador (eu ou você) acrescentou às imagens estáticas. Elas são criadas por nossa percepção e, uma vez que têm magnitude e direção, podemos senti-las – simplesmente forças perceptivas.

Então, nesse momento, podemos compreender que as regras ou fundamentos de estética são uma tentativa de racionalizar em princípios organizadores, descrevendo em números e médias, nossa percepção de equilíbrio, e, se assim o é, sabemos que é praticamente impossível criar leis ou padrões que abranjam toda nossa intuição. Por isso, é importante compreender que os fundamentos estéticos funcionam como um *grid* que orienta e aponta o caminho inicial na composição estética. Entretanto, uma vez posta, a individualização de cada caso depende essencialmente da intuição, percepção e – não se assuste – do gosto e preferência de cada um.

Desse modo, ao finalizar uma composição dentária, dentes um pouco mais largos ou estreitos, redondos ou quadrados, meio milímetro mais longos ou mais curtos, área plana, um pouco mais para vestibular (convexo) ou palatina (côncavo), não são diferenças significativas que possam ser descritas em regras, mas podem fazer a diferença entre o medíocre e a excelência no resultado final. Assim sendo, acredite, são detalhes que apenas podem ser intuídos. Trata-se daquele momento final de reflexão, quando o dentista distancia-se, abstrai-se, olha a obra e aplica o toque final – os detalhes que diferenciam o artista. Sua percepção é o que diferencia você e seu trabalho estético de qualquer outro.

Justamente por isso, o intuito dessas reflexões é *expor a necessidade de buscar um empreendimento cooperativo entre*

*fundamentos estéticos e percepção, conhecimento e intuição, na busca por um arranjo dentário-facial equilibrado, harmônico e belo. Explicitar que os fundamentos estéticos são como guias invisíveis, que formam um grid sob o design pretendido, mas que o verdadeiro conteúdo acontece por cima, às vezes, contido nas guias, às vezes, livre delas. Quem cria a estética não são os fundamentos – é o operador.*

1. Arnheim R. A estrutura oculta de um quadrado – Art and visual perception; 1940.

## PARA SABER MAIS:

Rufenacht CR. Princípios da integração estética. São Paulo: Quintessence Editora; 2003.

Etcoff NL. A Lei do mais belo: a ciência da beleza. Rio de Janeiro: Objetiva; 1999.

Kina S. Equilibrium: cerâmicas adesivas case book. São Paulo: Artes Médicas; 2009.



Sidney Kina  
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná  
[www.sidneykina.com.br](http://www.sidneykina.com.br)